



UnB

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Fernanda Chaves de Souza

EXTENSÃO: TERRITÓRIO EDUCATIVO DE POSSIBILIDADES

BRASÍLIA
2021

EXTENSÃO: TERRITÓRIO EDUCATIVO DE POSSIBILIDADES

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação como exigência final para obtenção do título de Pedagoga, sob a orientação da Profª Drª Patrícia Martins Lima Pederiva e Monitora: Ellen Dantas.

BRASÍLIA

2021

TERMO DE APROVAÇÃO

FERNANDA CHAVES DE SOUZA

EXTENSÃO: TERRITÓRIO EDUCATIVO DE POSSIBILIDADES

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito para a obtenção do grau de Pedagoga. Apresentação ocorrida em ...
Aprovada pela banca formada pelos professores:

Prof.^a Dr.^a Patrícia Lima Martins Pederiva – Presidente/Orientadora
Departamento de Métodos e Técnicas (FE/UnB)

Prof.^a Dr.^a Fátima Vidal (FE UnB)

Gabriel Barbosa Araujo (Educador e extensionista)

M^a. Sheyla Gomes de Almeida
(suplente)

BRASÍLIA

2021

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica elaborada automaticamente, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

SOUZA, Fernanda Chaves.

Extensão: Território Educativo de Possibilidades

Orientadora Patrícia Lima Martins Pederiva. -- Brasília, 2021. XX p.

Monografia (Graduação - Pedagogia) -- Universidade de Brasília, 2021.

Palavras-chave

Dedico este trabalho a todos que lutam por uma educação democrática, crítica, consciente e comprometida com a vida.

Agradecimentos

Agradeço a minha mãe, por me ser base e suporte para chegar até aqui.

Agradeço a minha amiga Bruna Wend que é minha parceira desde a escola, e que foi essencial também nessa etapa da graduação.

Agradeço a UnB por me proporcionar inúmeras experiências no meu percurso educativo e de vida.

Agradeço aos Projetos de Extensão Semillero e Autonomia por me mostrarem possibilidades e alternativas e vivências que me firmaram na graduação.

Agradeço ao Programa de Educação Tutorial (PET) pelas diversas experiências, que assim com a extensão se fez alternativa para viver outros modos da prática educativa.

Agradeço às minhas mestras dentro da graduação, Fátima Vidal, Patrícia Pederiva, Alexandra Rodrigues e Claudia Dansa que são inspiração e referências como pessoas e como profissionais.

Agradeço aos meus amigos, os que me acompanham desde a escola e os que fiz na graduação

E por fim, agradeço a cada pessoa que passou pela minha vida, mesmo que por um breve momento.

Nós caminhamos não para chegar a uma terra prometida, mas porque o próprio caminhar é a revolução.

Subcomandante Marcos.

RESUMO

O presente trabalho tem a intencionalidade de refletir os caminhos e processos educativos a partir da lente das vivências na extensão, com isso, percorrendo, refletindo e dialogando com espaços, pessoas e projetos engajados na ação crítica e consciente da prática educativa. A partir desse princípio, a criação de territórios, ações e atividades que impulsionem e potencializem nossa prática nos lugares que nos inserimos dentro das atividades extensionistas.

Palavras chave: Processo educativo, Extensão, Território.

ABSTRACT

This paper intends to reflect on the paths and educational processes from the lens of the experiences in extension, thus, going through, reflecting and dialoguing with spaces, people and projects engaged in critical and conscious action of the educational practice. From this principle, the creation of territories, actions and activities that boost and enhance our practice in the places where we are inserted within the extension activities.

Key-words: Educational process, Extension, Territory.

SUMÁRIO

Introdução	11
A educação e vida	16
Extensão: território de comunicação	22
(re)Encontros na/com a extensão	25
Considerações finais	30
Referências	32
Anexos	34

MEMORIAL INTRODUTÓRIO

Meu nome é Fernanda Chaves de Souza, nasci em 03 de outubro de 1997, em uma sexta-feira para ser mais exata e sou libriana com ascendente em aquário. Atualmente tenho 23 anos. Filha caçula de mãe solteira que criou e cria a mim e aos meus irmãos lindamente com muita força e garra.

Com quatro meses de vida já comecei a frequentar a creche, não lembro de muitos detalhes, mas, que era um espaço em que aproveitei muito, principalmente para brincar. Quando saí da creche, fui para uma escolinha que correspondia aos anos do jardim de infância e lembro que amava aquele lugar, mesmo passando mais tempo nesse espaço (para não repetir palavras) do que em minha própria casa, porque era em tempo integral. Gostava de lá porque era o lugar que mais tinha ambiente para brincar, os parquinhos, as quadras e a piscina, tudo me encantava.

Geralmente, pela manhã, tínhamos aulas convencionais e, à tarde, tinha algumas atividades extracurriculares como, o coral. Lembro mais dessa atividade, pois foi a única coisa que participei de verdade, ainda mais porque era um espaço que eu socializava mais com as crianças de outras turmas e também por conta dos passeios que fazíamos pra cantar, ou seja, eu tinha justificativa para não estar naquele espaço em alguns momentos do dia, e achava isso um máximo. Até hoje, lembro daquela escola com muito carinho por todos os momentos que vivi.

Chegando ao meu fundamental, outro mundo se criou, as dinâmicas de aulas, horários e espaço escolar eram outras, de certa forma mais rígidas, e, como tinha acabado de sair de um espaço que achava incrível, as comparações eram inevitáveis, principalmente nas horas livres. Passei três anos nessa escola, do segundo até o quarto ano e, de forma geral, as coisas sempre eram as mesmas e também não me sentia conectada com a atmosfera daquele espaço.

Em compensação, quase todos os dias eu saía para brincar na rua e só voltava pra casa à noite. Como minha rua tinha muitas crianças, geralmente, quando o sol estava quase se pondo, a gente se encontrava pra ficar jogando queimada ou só ficar conversando mesmo, acho que tirando a pré-escola, esse foi o período que mais brinquei a minha vida.

No meu quinto ano, mudei de escola, uma mais próxima de minha casa e, desde o primeiro dia, sentia que, por mais que algumas estruturas fossem as mesmas, aquele lugar parecia mais leve e mais receptivo do que a antiga escola. Lembro até hoje da professora me cumprimentando no primeiro dia de aula, super gentil e acolhedora, Márcia, era o nome dela. Posso dizer que aquele foi um dos anos mais tranquilos que tive em meio a minha trajetória no fundamental 1.

Chegando ao fundamental 2, mudei novamente de escola, outro mundo me seria apresentado, já não estudava mais perto de casa agora, teria que pegar ônibus ou metrô para chegar ao meu destino escolar. Espaços, lugares, pessoas, aulas por matérias separadas, era tudo novo, e, como é um clássico na vida de muitos, sempre ficamos com expectativas em relação às coisas novas.

Os anos que sucederam à minha estadia na escola foram tranquilos, considerando que eu atendia o padrão de uma aluna que seguia as regras e normas impostas. Dentre esse período, um ponto alto foi no meu último ano escolar, quando me convenceram a ser representante de turma, não tinha muitas obrigações, porém era uma coisa que não fazia tanto sentido pra mim no momento, mas, no decorrer do ano, percebi que foi uma experiência muito boa principalmente com as relações que pude constituir dentro da turma e fora dela.

Algumas coisas que percebi nesse tempo, é que a escola pra mim servia mais como uma burocracia social, entendia a relevância dela para meu futuro, mas, no presente, nada era muito significativo a não ser as pessoas que conheci no decorrer dos anos.

Desde o último ano do ensino fundamental, já tinha consciência sobre algumas coisas que poderiam acontecer durante o Ensino Médio, isso, porque a escola dividia suas turmas por notas, ou seja, eles faziam a média de cada aluno para saber em qual turma colocariam e, como a divisão dos grupos era realizada por notas, os estudantes “bons” eram separados dos estudantes “ruins”.

Durante o Ensino Médio, voltei a ser representante de turma no meu 1º e 2º ano, nesse meio tempo, também fiz parte do grêmio estudantil e pude acompanhar de perto como algumas relações entre o corpo docente e discente se estabeleciam. De uma forma geral, muitos alunos eram estigmatizados pelos professores, e isso se dava, como já

mencionado, pelo fator de notas. Os relatos sobre a divergência de tratamento entre as turmas eram constantes.

Uma coisa interessante que acontecia, era que os representantes de turma tinham um tempo com os professores durante o conselho escolar para fazer e ouvir os comentários em relação a turma além de, dar “sugestões” de possíveis melhorias e, por mais que nos dessem ouvidos, em um primeiro momento, o que se sucedia desses encontros era basicamente nada, era como se aquele momento não tivesse acontecido.

Essas vivências e observações me faziam questionar muito sobre os processos de ensino e do porque ele se engessava em diversos aspectos, principalmente, no tocante às relações. Nesse mesmo período, foi o momento de pensarmos nossos próximos passos depois que saíssemos da escola, muitos pensavam em faculdade, outros em trabalhar, e não foi diferente comigo, sempre tive em mente fazer faculdade de comunicação ou pedagogia até que no começo do ensino médio decidi por pedagogia.

Cursar a faculdade de pedagogia foi um belo desafio, os estigmas relacionados à profissão sempre me colocavam em dúvidas sobre minha escolha, além disso, tinha comigo toda a bagagem de um sistema educacional precário em nos apresentar, passar e deixar transparecer para que serve um processo educativo que vai muito além de notas, provas e aprovações em vestibulares. Faltou a conexão com a vida real e os diferentes caminhos existentes que podemos trilhar.

Meu primeiro ano de curso, foi um misto de sentimentos, tudo era novo, pessoas, lugares, saberes e, por mais que estivesse com receio sobre minha escolha a cada dia que voltava pra casa percebia que o curso estava me encantando de forma minuciosa, mesmo com algumas resistências minhas no começo. O que me vinha sendo mostrado e apresentado, trazia consigo uma essência potente de conexão e construção conjunta e plural. Aos poucos, fui buscando lugares que me ajudassem a fazer essas conexões e a trazer mais significado no meu trilhar do curso.

Com isso, a extensão universitária, isto é, atividades que buscam conectar a universidade com a comunidade, foi espaço fértil que me proporcionou o fazer pedagógico com a intencionalidade que eu desejava, em que tive a possibilidade de criar e me conectar com diversas pessoas e lugares que me apresentavam uma educação com propósito e sentido para todes.

Lugares nos quais as vivências oportunizaram e promoveram movimentos e mudanças que constituíram relações mais potentes, serenas e conscientes do lugar que estamos e para onde queremos ir. Esses resgates me elucidaram de diversas formas, em especial sobre as pequenas revoluções diárias que ocorreram durante os processos da minha trajetória e os diversos professores que cruzaram meu caminho nem que tivesse sido por cinco minutos em uma parada de ônibus.

Dessa forma, meu percurso de vida vem me proporcionando experiências e vivências que não se limitam apenas aos muros das instituições educativas e que, me fazem questionar o que faz sentido nos processos educativos visto que, existe uma potência imensurável em poder dialogar com outros espaços não escolares e expandir a bagagem de saberes e aprendizados dentro dos processos educativos

Esse trabalho nasce dessa trajetória de vida e continua como extensão do PIBIC intitulado *Experiências Inovadoras em uma Comunidade de Aprendizagem* que propõe uma reflexão acerca dos territórios a partir do olhar sobre a Escola Classe Comunidade do Paranoá. Nele, discutiu-se sobre como a comunidade e o território em volta do coletivo escolar se configura e torna-se também um agente educador, considerando as diversas possibilidades de encontros e referências que impactam nos percursos educativos e de vida.

Esse trabalho de conclusão de curso, configura-se em continuidade a todo o exposto anteriormente, e, cujo objetivo **é refletir sobre como acontecem os processos educativos para além da sala de aula estrita, sobre como aprendemos em meio a outros espaços constituídos como relacionais abrangendo aqui, o contexto da universidade no ambiente da extensão dentre outros espaços educativos tido como escolares e não escolares que se conectam.**

Para isso, o trabalho está estruturado do seguinte modo:

Parte 1. Educação e vida trata-se do pressuposto maior que nos educamos a medida que vivemos e que isso é indissociável nesse processo e, também, evidenciar as configurações engessadas das instituições escolares que exhibe moldes e expectativas que muitas vezes não condiz para com a funcionalidade prática da vida real.

Elucidada por VIGOTSKI (2003) sobre a constituição das relações, na qual, entende-se que só nos constituímos a partir do outro, e que, a partir disso, assumimos nosso lugar como seres sociais que somos. Somos pessoas de historicidade, tudo que

nos constitui é reflexo dos nossos aprendizados e que, a partir disso, podemos compreender melhor nossas condutas FREIRE (2016) sobre a conscientização do nosso ser e estar no mundo e de como isso implica na nossa ação consciente sobre ele.

Parte 2. A extensão (os arredores) Aqui, fazemos uma relação com espaços que nutriram oportunidades de conexão com o que está a nossa volta, fazendo-se ponte entre a teoria e prática, firmando-se nos princípios da relação de coletividade, diversidade, alteridade, alegria, viabilizando mobilizações de pessoas e lugares que tem o desejo de ressignificar os processos de ensino aprendizagem

Nesse sentido, dentro dos caminhos educativos a extensão foi um suporte, luz e orientação por se fazer terreno de viabilidades que segue por lados mais criadores e palpáveis frente com o compromisso do reconhecimento do/com o outro.

Parte 3: Experiências educativas para além da sala de aula em meio às trilhas convencionais que percorremos ao longo do nosso ensino, existem caminhos que se fazem alternativos pois, nos apresentam novas maneiras de nos relacionarmos, vivenciarmos e experienciamos os movimentos educativos.

Tendo isso em vista, a construção de novas possibilidades que valorizam as conexões e confluem com as reflexões e ações dentro de ambientes que convergem com essas intencionalidades faz com que os processos educativos sejam uma aprendizagem e descoberta conjunta a de instigar as transformações conscientes que almejamos para a sociedade.

Traremos entrevistas com pessoas que, para além do currículo convencional, procuraram vivenciar a experiência acadêmica de outros modos.

A EDUCAÇÃO E VIDA

À medida que a vida vai se constituindo a educação a acompanha traçando caminhos e revelando distintas maneiras de estar e se expressar no mundo, nossas bagagens culturais, históricas e sociais se fazem com o passar de nossas vivências que são impregnadas por aprendizados e ensinamentos, como seres culturais que somos.

As relações que culminam no ensino e na aprendizagem se elaboram ao passo que damos margem a processos criadores que oportunizam a assimilação com o real, concebendo novas possibilidades de experiências no desenvolvimento de nossas vidas. A educação que atravessa tudo isso, exerce uma força motriz que nos possibilita experimentar, se reconhecer, viver, aprender, conhecer o outro e o mundo de maneiras nas quais vislumbramos perspectivas e alternativas dentro do nosso caminhar.

Assim, os sentidos da educação é possibilitar o maior número de experiências da forma mais diversa e heterogênea, oferecendo um ambiente em que se permita criar, tentar, arriscar, para uma reflexão de si na relação com o mundo e, finalmente, para uma orientação de si na sua relação com o mundo (BARROS e PEQUENO, 2019, p. 07).

Compreendendo que a educação é inerente à vida, percebemos que na atualidade, ela vem se desprendendo desse conjunto, visto a falta de sensibilidade diante das reais necessidades sociais. Uma situação notória é a organização do processo escolar, resultado de processos mecanicistas que se desenvolveram ao longo dos séculos culminando em movimentos educativos mais aprisionados e destoantes da realidade.

As instituições escolarizadas são as principais vitrines dos reflexos dessas condições, tidas, muitas vezes, como espaços de instruções mecanizadas e de individualismos exacerbados. Os meios de se constituir um ensino mais fraterno, onde educandos e educadores busquem um desenvolvimento conjunto, vai se esvaindo em nome de um sistema hostil, que posterga o coletivo e se direciona para um formato egoísta esquecendo da sua essência de comunhão e desenvolvimento social.

Sobre isso Tunes (2011) ressalta que:

Mas, dado que a aprendizagem tem um caráter social, isto é, aprende-se com o outro, afigura-se então, uma possibilidade de exercício indireto de controle: a regulamentação do ensino como forma de regular aprendizagem. Então, escolhe-se o que ensinar, como, quando, por quanto tempo e quem vai ensinar. Ou seja, programa-se o professor para que ele, por sua vez programe o aluno (TUNES, 2011, pg. 09).

Com isso, a escola se torna um aparato de formatação social, dispondo todo o seu ambiente de modo a administrar seus tempos, espaços, relações e aprendizagens, vigiando e condicionando as pessoas a terem produtividade sem questionamento, silenciando suas subjetividades tornando-as obedientes e dóceis.

A fragmentação criada nos espaços escolarizados faz que os processos educativos sejam menos orgânicos e mais burocráticos, no sentido de podar nossas formas e jeitos de aprender e vivenciar a educação como devir. Assim, temos movimentos estratificados que não dão a devida importância aos contextos históricos e culturais aos quais pertencemos.

Ao observar que atualmente a escola é maior referência de ‘espaço’ de aprendizagem, é preciso ressaltar a importância na qual ela constrói e direciona sua intencionalidade educativa, isto é, através do currículo e propostas pedagógicas visto que, é nela o local onde passamos boa parte de nossas vidas, e onde também temos a possibilidade de expandirmos nossa visão de mundo e de sociedade. Isso significa que, a escola se caracteriza e se alicerça como a principal referência ideológica social que temos, e que, apesar das diversas transformações e avanços sociais ocorridos, ela, ainda hoje, sustenta seus traços baseados na soberania e na manutenção de *status quo*.

Vigotski (2003) observa que,

Devemos levar em consideração que a educação sempre e em todas as partes teve um caráter classista, ainda que seus defensores e apóstolos não dessem conta disso. O que acontece é que, na sociedade humana, a educação é uma função social totalmente determinada, que sempre se orienta em prol dos interesses da classe dominante, e a liberdade e

independência do pequeno meio educativo artificial com relação ao grande meio social são, na verdade, uma liberdade e uma independência muito relativas e condicionais, convencionais dentro das estreitas fronteiras e limites (VIGOTSKI, 2003, pg. 80).

Nesse sentido, é interessante perceber como se dá o alinhamento e a integração entre as práticas pedagógicas e as distintas perspectivas sociais existentes uma vez que, esses lugares “representam” de alguma forma um ideal de sociedade. Em outras palavras, a prática educativa não pode ser uma ação/intervenção esvaziada e indiferente de transmissão de conteúdos e assimilação do mundo, tampouco uma ‘ideologia neutra’ que se desliga da existência e das condições humanas e suas necessidades.

Os impactos dissonantes causados por esse sistema educativo que não se preocupa com as bagagens e realidades de seus educandos tem em seu cerne uma aspiração pelo controle, introjetam anseios e vontades que não são genuínas de seus educandos, a fim, de atender as expectativas burocráticas de padrões que quantificam, rotulam e ‘domam’ os saberes. “A passividade do aluno, bem como o menosprezo por sua experiência pessoal, são, do ponto de vista científico, o mais crasso erro” (VIGOTSKI, 2003, pg. 75).

Contudo, entende-se que, os processos educativos se fazem mais autênticos e orgânicos a partir da integração entre as experiências e as possibilidades de criação. Isso, faz com que se gere novas percepções, identificação, compreensão e integração dos espaços que estamos inseridos e de como transcorremos nossos modos de expressão no dia a dia. Freire (2016) ressalta que nossa capacidade de reflexão e ação nos condiciona a estar no mundo e com o mundo nos tornando mais conscientes e capazes de superar as barreiras as quais nos são impostas.

Ou seja, os parâmetros de uma educação que se relaciona e caminha verdadeiramente com vida, nos movimenta por territórios e caminhos multidisciplinares, nos leva a espaços que firmam suas bases em relações potentes, fazendo com que as aspirações que ali surgem, se espalhem de modo a impactar, influenciar e transpor as convencionalidades de uma educação que desenraizada da realidade.

Sendo assim, nossa constituição dentro da sociedade e cultura se faz a partir de nossas conexões que nos evidenciam formas e maneiras de como a vida se manifesta em sua diversidade. Assim, as assimilações que fazemos diante do que nos é apresentado faz com que possamos constituir nossas vidas e caminhos de ensino aprendizagem, isso faz que, a confluência de ambas gere seres capazes de estar presente e consciente sobre o mundo.

Nesse contexto, todas as capacidades, competências, desenvolvimentos, expressadas na organização social, política, cultural e técnica dessas populações, são frutos do desenvolvimento humano, constituídos a partir de uma educação que os possibilitou aprender a fazer leituras do mundo, de si mesmos e deles próprios neste mundo. Aprendizados que não foram adquiridos na escola, mas na vida, no cotidiano de suas experiências e em suas histórias, como indivíduos, como classe e como sociedade, uns com os outros, pares e não pares, que se juntaram contra uma realidade de desumanidades (ALMEIDA, 2017, pg. 58).

Porém, a vida e educação se tornam contraditórias nesse processo, pois a vivência de ambas ainda não se tornou uma ação crítica impregnada nos cotidianos. Pensar de forma consciente nossas identidades, realidades e expectativas requer que possamos explorar e analisar os nossos arredores e a nós mesmos a fim de buscar compreender de que forma nos inserimos e nos dispomos para o mundo. Essas implicações tendem a provocar reações e relações onde buscamos observar os movimentos e condutas que influenciam nas dinâmicas sociais que estamos inseridos e as formas que agimos e transformamos os cenários existentes. Freire (2021, p. 75) reitera que: “constatando, nos tornamos capazes de intervir na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente a de nos adaptar a ela.”

À medida que nos alinhamos na composição e organização de ambiente(s) intencionalmente dispostos para possibilitar a interação, a criação e o diálogo, geramos um espaço implicado com experiências que refletem no dia a dia nossos modos operantes. Nesse sentido, diante da organização e da intencionalidade do meio educativo temos a oportunidade de reflexão sobre nossas interações e as formas com

que concebemos novas, no intuito de estar constantemente transpondo e agindo de forma crítica e elucidativa sobre nossas existências a partir das vivências educativas.

Dessa forma, a educação que se compromete com a vida evidencia sua essência a partir de movimentos potentes que se dispõem a se relacionar na intenção de criar e recriar novas formas de se viver e experienciar os processos de ensino e aprendizagem. Esses movimentos expressam resistência, alternativa, rigorosidade e afetividade na sua prática pois eles não se fazem para preencher espaços e serem sujeitados a partir da objetificação do sistema heterogêneo, eles se fazem numa perspectiva coletiva de interação consciente e engajada no exercício crítico e democrático, eles se fazem na disponibilidade de ser e estar com o outro, com o diverso. Vale dizer que:

Estar disponível é estar sensível aos chamamentos que nos chegam, aos sinais mais diversos que nos apelam, ao canto do pássaro, à chuva que cai ou que se anuncia na nuvem escura, ao riso manso da inocência, à cara carrancuda da desaprovação, aos braços que abrem para acolher ou ao corpo que se fecha na recusa. É na minha disponibilidade permanente à vida que me entrego de corpo inteiro, pensar crítico, emoção, curiosidade, desejo, que vou aprendendo a ser eu mesmo na minha relação com o contrário de mim. [...] É na minha disponibilidade à realidade que construo a minha segurança indispensável à própria disponibilidade. É impossível viver a disponibilidade à realidade sem segurança, mas é impossível também criar a segurança fora do risco da disponibilidade. (FREIRE, 2021, pg.131, 132).

Desse modo, à medida que nos comprometemos a agir de forma consciente sobre tudo que está ao nosso redor concedemos nossa disposição ao mundo, desabrochamos para a compreensão e vivência das nossas inquietações, vontades, angústias, alegrias, etc. É as singularidades dos caminhos da vida/educação, o ser e estar com o outro e consigo mesmo, se inserindo de modo crítico à existência. A prática educativa e o caminhar da vida se tornam indissociáveis pois nossa existência social está condicionada na interligação de ambas, nos inserimos no mundo com relações que

inspira e instiga nossas atitudes e ações sobre ele. O reconhecimento desses princípios evidencia os condicionamentos que criamos nos caminhos que trilhamos.

EXTENSÃO: TERRITÓRIO DE COMUNICAÇÃO

A Extensão juntamente com o Ensino e a Pesquisa se constituem como os pilares da universidade numa ação de indissociabilidade entre eles, com o propósito de se ter e fazer uma educação integral. Ao longo dos tempos a extensão vem se adaptando e se reeditando no intuito de estreitar ainda mais as relações com a comunidade além dos ambientes acadêmicos criando um espaço de comunicação e conexões de saberes.

Desde de sua criação no século XIX na Inglaterra, a Extensão vem sendo voltada para essa interlocução universidade - sociedade, naquela época ela nasce com o direcionamento de educação continuada para aqueles que não ingressaram na universidade. Com o passar dos anos e das décadas ela veio a se espalhar por outros lugares e partes do mundo modificando suas propostas a partir do lugar onde estava se inserindo. Já no Brasil, ela chegou em 1931 mas sem fazer muita movimentação, somente a partir dos anos 1960 que ela começa a tomar forma, com seu papel já integrado ao de indissociabilidade do ensino e pesquisa, seu desenvolvendo se dava por “ações de compromisso com as classes populares, com a intencionalidade de conscientizá-las sobre seus direitos.” (GADOTTI, 2017, pg. 01).

[...] a extensão universitária é o que permanente e sistematicamente convoca a universidade para o aprofundamento de seu papel como instituição comprometida com a transformação social, que aproxima a produção e a transmissão de conhecimento de seus efetivos destinatários, cuidando de corrigir, nesse processo, as interdições e bloqueios, que fazem com que seja assimétrica e desigual a apropriação social do conhecimento, das ciências, das tecnologias. (DE PAULA, 2013, pg. 06).

A extensão que conhecemos hoje se afirma nas bases da democratização da atividade educativa tanto acadêmica como popular, uma via de mão dupla para todes na formação tecnológica e científica estabelecida sobre as reais necessidades sociais.

Dessa forma, é importante ressaltar a função dos movimentos sociais e os trabalhos de Paulo Freire na universidade de Recife e durante seu exílio no Chile onde produziu a obra 'Extensão ou Comunicação?' onde reflete e discute sobre o conceito e a

estrutura da "extensão" na qual ele diz ser uma intrusa, do contrário seria a comunicação que propicia uma conscientização e uma relação mais genuína na troca de saberes.

Conhecer, na dimensão humana, que aqui nos interessa, qualquer que seja o nível em que se dê, não é o ato através do qual um sujeito, transformado em objeto, recebe dócil e passivamente, os conteúdos que outro lhe dá ou impõe. [...] O conhecimento, pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer uma ação transformadora sobre a realidade. Demonstra uma busca constante. Implica em invenção e em reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer, pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se assim, percebe o “como” de seu conhecer e os condicionamentos a qual está submetido seu ato. [...] Conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos. E é como sujeito e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer. (FREIRE, 2010, p. 27).

A elucidação e as discussões que Freire propôs acerca da extensão mostra um terreno propício para repensar direcionamentos e intencionalidades nas ações e atividades extensionistas. Torna-se uma efetiva parte de integração e instrumentalização pertinente no diálogo e na conexão entre universidade e sociedade, com a construção de espaços a partir de programas inter, multi e até transdisciplinares que se fazem na ideia da democratização das relações e nas perspectivas de potencializar práticas e pessoas que impulsionem o desenvolvimento social.

Diante desse exposto, meu intuito aqui ao tratar sobre a extensão é refletir e dialogar sobre ela nessa concepção de conscientização e ação crítica sobre a vida. Nesse sentido, colocando-a como espaço/território de conexão, comunicação, diálogo e pertencimento, onde tive possibilidade de conviver, criar e me comunicar com pessoas e espaços implicados em fazer uma educação popular, que busca fluir com vida com ação e esperança nas atividades presentes e futuras e sem deixar de lado suas raízes e bases que ajudaram a pavimentar os caminhos até aqui.

A extensão na qual caminhei/caminho se torna território(s) pois ela se caracteriza na ideia de perceber os ambientes da vida, enxergando sua potência e

juntamente com isso colaborando no seu desenvolvimento, no compromisso social, que nos provoca, nos questiona, nos conecta em nossa essência humana e fraterna. Um modo de revolução em nosso meio e em nós mesmos sobre as experiências e vivências educativas - extensionistas. Ressalto que:

Estar nesses ambientes é vivenciar a autonomia, a diversidade, a diferença e o olhar para o outro percebendo suas subjetividades. É compreender que esse outro ajuda a me construir na cultura e na natureza, contribuindo para um novo modo de ser e agir. Sendo assim, o sentimento de pertencer a essa realidade ganha força, no sentido de nos firmar no mundo por meio das relações que carregam esses mesmos ideais de coletividade. (REZENDE, e SOUZA, 2019 pg. 85).

Os encontros que a extensão proporciona são fluência entre prática e teoria, são (re)encontros com o que nos inspira com o que nos move, são caminhos que mostram sentidos e alternativas de conduzir nosso processo, é metamorfose constante dos nossos afetos.

A extensão é um meio fértil onde nutrimos e viabilizamos experiências, vivência e processos de encontros com pessoas que desejam ressignificar suas práticas potencializando a comunicação e as ações entre os saberes e fazeres. Nesse sentido, o convite para a transformação por meio do ensino se dá na radicalidade da interação e no desejo e ação de criação e recriação com o outro.

(RE)ENCONTROS NA/COM A EXTENSÃO

A extensão é um lugar de encontros e reencontros, por ser um espaço no qual nos convida e faz o chamado para ação em prol de um bem comum. Encontros porque nos apresentam novas formas e modos de vivenciar nossos processos de ensino/aprendizagem ampliando isso para outros ambientes que adentramos. Reencontros porque nos faz voltar a olhar para dentro de nós, sobre o que nos constitui, uma ação de reconhecimento de quem somos a partir de nossas potencialidades. O movimento de educar-se a si em conjunto com o outro.

Com isso, a intenção aqui é trazer perspectivas de outros estudantes que adentraram na extensão e perceberam, a partir das suas vivências, outros modos de fazer e criar, seja impactando seus próprios caminhos ou de outras pessoas com quem tivemos a oportunidade de cruzar durante esse trajeto. Com isso, a partir de relatos elucidar e exemplificar como é viver a extensão sob um olhar do entendimento da sua função e seus impactos nos processos educativos a partir das vivências dos próprios extensionistas.

Dessa forma, partimos a princípio explorando a função da extensão, seus possíveis desdobramentos entre as conexões de saberes e ensino entre universidade e comunidade. Para isso, a estudante L, afirma que:

L: Bom, pra mim a função da extensão vai muito além do que nós aprendemos né, do tripé universitário né, da função da extensão ser a retribuição da universidade pública para a comunidade, de ser esse terceiro braço, né, da universidade pública de agir em prol da comunidade externa [...] ela vem com essa função de abrir as portas da universidade pra todo mundo né, democratizar, expandir a universidade. [...] pra mim a universidade, a extensão tem um papel essencial na formação docente, principalmente na área de educação que é da onde eu vim e na minha experiência. É isso, democratizar a universidade, estar a serviço da comunidade né, do Brasil, enfim, de Brasília, do Distrito Federal, expandir cada vez mais, abrir mais as portas e... transformar... transformar porque a ciência não serve pra nada se a gente não tiver aberto, se universidade não se abrir, é isso.

A partir disso, é possível compreender que nossas concepções ganham novas lentes, a começar pela tomada de consciência sobre a importância de nos mostrarmos e sermos disponíveis perante aos desafios sociais. A extensão aqui, reforça-se como meio de viabilidade por se fazer a partir do ponto de vista no qual compreendemos que, “a prática, por sua vez, ganha uma significação nova ao ser iluminada por uma teoria da qual o sujeito que atua se apropria lucidamente” (FREIRE, P. 2010, pg. 40). Nesse sentido, a (re)conexão das relações entre universidade e sociedade ganha novos contornos e idealizações ao passo que, nos coloca frente aos compromissos com as necessidades da realidade.

Assim, como já dito anteriormente, a extensão foi se reeditando ao longo dos tempos sendo parte do tripé universitário, no qual, ela é o principal caminho que proporciona o contato mais direto com a comunidade extramuros da universidade. Com isso, a extensão não é um espaço que se faz sozinho, é preciso de pessoas dispostas, comprometidas e alegres - potência de agir (SPINOZA, 2016) na produção da prática e sua reflexão sobre ela.

Dessa forma, os caminhos que nos levam a buscarmos outras alternativas se constrói à medida que sentimos a vontade e a necessidade de experienciar novos sentidos na intenção de ter outras interpretações e significados do que já nos foi apresentado no processo educativo. Para isso, as atividades extensionistas nos apresentam propostas para que possamos compreender o que seria esses novos significados instigando-nos à medida que são experienciados. Assim, o estudante D relata que:

D: Cheguei na extensão porque eu queria estudar também perspectivas diferentes das perspectivas clássicas eurocêntricas, né, cheguei no Semillero¹ por conta da decolonialidade, por conta da relação com a América Latina e também por conta da relação com comunidade para além da UnB, né, então foi a prática que eu sempre

¹ *Semeadores de Investigação (Semillero): educação, transformação e alegria na prática docente* é um Projeto de Extensão da Faculdade de Educação da UnB que propõe um espaço de pesquisa e extensão interdisciplinar através do protagonismo infantil por meio de intercâmbio de ideias, projetos, práticas e pessoas que desejam transformar a prática docente com alegria, rigorosidade investigativa e práticas extensionistas.

sonhei em desenvolver; assim, encontrei com essa prática... com a práxis né, na verdade que eu sempre sonhei em desenvolver; assim, um tanto no Autonomia² também quanto no Semillero depois com nosso projeto de pesquisa e com nossos estágios, enfim, acho que até com o Azul Tutu³ que também entra como parte do Semillero como extensão das Semillas⁴ também.

A partir da afirmação de Freire (2012, pg. 51) que diz, “a práxis, porém, é reflexão e ação dos dos homens sobre o mundo para transformá-lo” conflui com o encontro das nossas inquietações e com o desejo de construir e pertencer a um espaço no qual possamos estar e ser presentes nas suas mudanças. Um fazer racional que se cultiva na relação e no compromisso de agir em consonância com as demandas coletivas.

Para além de se ter em seu cerne, a proximidade e a ligação com o meio social para fora dos “muros” universitários, a extensão proporciona o impacto, de nos percebermos enquanto pessoas ativas no nosso trilhar acadêmico que conseqüentemente reflete nos caminhos profissionais e pessoais que tomamos. As provocações, os espantos, as dúvidas, as alegrias dentre outros afetos são inerentes a esses processos, um caminho de desvelamento diante das nossas relações. Desse modo, os sentidos que esses momentos concebem são de aberturas e permissões para si e para o outro, a partir do diálogo, da troca, das ações em conjunto.

O estudante J, conta que:

J: A extensão foi um lugar que eu encontrei é... um lugar de esperança e também de prática real [...] na extensão eu consegui encontrar justamente essa prática que eu acreditava e que era compartilhada por outras professoras também, tanto do PET⁵, quanto

² Projeto de Extensão: Diálogos com Experiências Educacionais Inovadoras (Autonomia)

³ Contraturno Escolar Azul Turquesa: espaço de contraturno que busca cultivar através das relações interpessoais e com a cidade um processo educativo pautado no brincar livre, projetos investigativos e criativos instigando o espírito investigativo com afeto, integrando as necessidades individuais e coletivas.

⁴ Semillas Encantadas é uma ação de extensão do projeto Semillero no qual tem como intencionalidades dar ouvidos a curiosidade das crianças no intuito de instigar o espírito investigativo na construção e concepção de seus projetos autogeridos.

⁵ Programa de Educação Tutorial- PET é um programa nacional baseado na indissociabilidade do tripé universitário: pesquisa, ensino e extensão.

do projeto Semillero, quanto do Autonomia também, que foi também uma aula propulsora pro meu próprio desenvolvimento e pro meu entendimento enquanto artista e que foi justamente um espaço que eu encontrei que poderia expressar essas coisas e que eu dentro de sala de aula não pude, assim, dentro das aulas teóricas de todo o currículo da pedagogia assim, eu consegui explorar outras coisas além dessa prática que realmente acreditava que seria frutífera e a mais potente possível em educação.

Partindo dessa reflexão, é explícito a potência que as vivências e experiências extensionistas trazem, antes de educar o outro nos educamos, e, partindo dessa percepção são esses momentos durante as movimentações em nossas atividades que nos proporcionam nossas assimilações frente aos nossos pensamentos, ideias e expectativas, pois, é onde, começamos a compreender os impactos sobre as formas que somos afetados e afetamos o outro, dessa forma, dando mais parâmetros e contornos sobre o que almejamos construir a partir dessa tomada de consciência.

Vigotski (1931), nos aponta que:

Cabe decir, por lo tanto, que pasamos a ser nosotros mismos a través de otros; esta regla no se refiere únicamente a la personalidad en su conjunto sino a la historia de cada función aislada. En ello radica la esencia del proceso del desarrollo cultural expresado en forma puramente lógica. La personalidad viene a ser para sí lo que es en sí, a través de lo que significa para los demás. (VIGOTSKI, 1931, p. 149).

Nesse sentido, partindo também, de uma reflexão mais pessoal que, foi adentrando na extensão que foi o momento no qual me desconstruí, construindo, foi onde pude ressignificar minha prática, meus conceitos, de modo a fazê-los mais coerentes e fluídos sem me preocupar em me colocar numa “caixinha” para atender alguma expectativa alheia, foi onde me senti e me tornei mais flexível aos contratempores e as adversidades que chegavam, foi onde percebi a reciprocidade das pessoas que também queriam somar e agregar, pensar e construir junto às ações. Vivenciar a

extensão é estreitar os laços e gerar encontros com pessoas que fazem e pensam na construção de uma sociedade mais integradora e equitativa.

Partindo disso, a estudante L, diz que:

L: a extensão É o próprio processo educativo em si, é onde a gente experimenta, a gente faz, a gente age, a gente transforma, a gente está sempre fazendo e se refazendo nesse processo, assim, de que se a gente ficar só no ensino, ficar só na pesquisa, a gente fica muito no campo teórico e não age.

Assim, partindo dessa perspectiva, o que constituímos e construímos em nossas ações são alternativas em meio aos processos educativos, dado que, em momentos passados esses processos se mostraram destoantes em algum sentido dentro de nossas vivências. O terreno fértil que a extensão pode criar vem de encontro às consonâncias de intencionalidades de pessoas que desejam ter e experienciar outras perspectivas e formas que a educação pode ser realizada. Com isso, Freire (2010), reitera que: “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados.” (p. 69). Dessa forma, as relações que nutrimos nesse meio são força motriz na condução dos nossos caminhos dentro dos processos educativos e da própria vida em si.

Considerações finais

Os processos educativos se entremeiam com os acontecimentos da vida, ao passo que um não se faz sem o outro, estamos a todo momento em movimentos que nos direcionam para distintos lugares e compreender nosso papel nesse meio é essencial para o nosso entendimento dentro do espaço social que ocupamos. Assim, as singularidades que nos constituem se fazem no decorrer do nosso (re)conhecimento do outro, da natureza e de nós mesmos, nossos processos de vida.

O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto das histórias, mas sou sujeito igualmente. No mundo da história, da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar (FREIRE, 2021, pg. 75).

Nesse sentido, a medida que os processos são atravessados pela educação e a vida nos revela nossas manifestações, impressões e impacto sobre o mundo, nos coloca frente aos desafios da realidade e nossos enfrentamos diante deles. Os bons encontros que se sucedem dentro dessa caminhada nos proporcionam outras lentes que dialogam sobre nossa ação crítica sobre o mundo. Com isso, nossa atividade de reflexão diante disso nos conduz a novos modos relacionais, mais conscientes e capazes de conceber novas possibilidades.

Como já citado acima, a extensão é compreendida por ser o pilar que mantém os laços entre universidade e comunidade, corroborando com o ideal de progresso social, assim, por ser o espaço no qual reforça a comunicação e troca de saberes e de experiências constituindo-se na coletividade, na valorização das individualidades e se fortificando na prática, na práxis cotidiana.

Viver e trilhar percursos educativos é conduzir nossos afetos, é experienciar e descobrir novos, é a partir do compartilhamento, do querer bem e querer estar junto na prática educativa com rigorosidade, encantamento, curiosidade, amorosidade e criação

pavimentando nossas experiências formativas. É nesse intuito, que Freire (2021, pg. 140) reitera: “A prática educativa é tudo isso: afetividades, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje.”

A partir disso, as intencionalidades, as experiências que nos fortaleceram e nos firmaram em nossos ideais comuns, as conexões, os afetos que nos potencializam, os momentos e as dinâmicas que criamos no intuito de estreitar as relações com as pessoas e o espaço à nossa volta a fim de nutrir cultivar o sentimento de pertencimento na potencialização de todos que se dispõem a estar, pensar e construir ações que se reverberam para além do nosso meio.

Dessa forma, o intuito deste trabalho foi esboçar, relatar e refletir os impactos das vivências extensionistas a partir do território que constituímos dentro e fora dos muros acadêmicos, das ações e atividades em meio a comunidade, e também, num processo de exploração das possibilidades do caminhar educativo.

Referências

ALMEIDA, Sheyla. **Projeto Âncora: Uma perspectiva de educação para a integralidade humana**. Dissertação (Mestrado - Mestrado em Educação), Universidade de Brasília, 2017.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro/ São Paulo, Paz e Terra, 2016.

_____. **Extensão ou comunicação?**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro/ São Paulo, Paz e Terra, 2021.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GADOTTI, Moacir. Extensão universitária: para quê. **Instituto Paulo Freire**, v. 15, 2017.

PEDERIVA, Patrícia L. M. (Organizadora). **A educação na vida e a vida na educação: uma abordagem histórico-cultural**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

PAULA, J. A. de. A extensão universitária: história, conceito e propostas. **Interfaces - Revista de Extensão da UFMG**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 5–23, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistainterfaces/article/view/18930>. Acesso em: 20 out. 2021.

SOUZA, Fernanda. EXPERIÊNCIAS INOVADORAS EM UMA COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM. **Congresso de Iniciação Científica da Unb e Congresso de Iniciação Científica do DF**, Brasil, nov. 2019. Disponível em:

<<https://conferencias.unb.br/index.php/iniciacaocientifica/25CICUnB16df/paper/view/20409>>. Data de acesso: 27 ago. 2021.

SPINOZA, B. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

TUNES, Elizabeth. **Sem Escola, Sem Documento**. Rio de Janeiro: E-papers, 2011.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia pedagógica**. Porto Alegre: ARTMED, 2003.

_____. **Obras Escogidas Tomo III: Problemas del desarrollo de la psique**. Madrid, Visor, 1995.

Anexos

Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE)



Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE)

Este é um convite para você ser entrevistada(o) e participar voluntariamente do projeto de pesquisa *Extensão: Território Educativo de Possibilidades*, sob a responsabilidade de Fernanda Chaves de Souza, cujos objetivos são, abordar perspectivas sobre as vivências na Extensão Universitária no processo educativo.

A sua privacidade será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado, ou elemento que possa, de qualquer forma, identificá-lo, será mantido em sigilo.

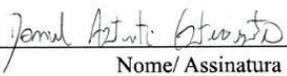
Você poderá recusar a participar do estudo, ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar. Por desejar sair da pesquisa, não sofrerá qualquer prejuízo.

É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como após é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que queira saber antes, durante e depois da participação.

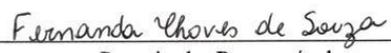
Você está sendo orientada(o) quanto ao teor de tudo aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do referido estudo, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, pela participação.

Esta entrevista não envolverá quaisquer riscos significativos a você, além da expressão da sua opinião. Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os participantes, focalizando o seu conteúdo geral e os resultados obtidos.

Durante todo o período da pesquisa você poderá tirar suas dúvidas através do e-mail: fernandachaves.souza@hotmail.com.



Nome/ Assinatura
(Entrevistado)



Pesquisador Responsável

Brasília, 13 de outubro de 2021.



Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE)

Este é um convite para você ser entrevistada(o) e participar voluntariamente do projeto de pesquisa *Extensão: Território Educativo de Possibilidades*, sob a responsabilidade de Fernanda Chaves de Souza, cujos objetivos são, abordar perspectivas sobre as vivências na Extensão Universitária no processo educativo.

A sua privacidade será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado, ou elemento que possa, de qualquer forma, identificá-lo, será mantido em sigilo.

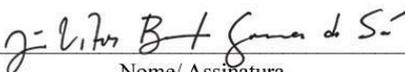
Você poderá recusar a participar do estudo, ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar. Por desejar sair da pesquisa, não sofrerá qualquer prejuízo.

É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como após é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que queira saber antes, durante e depois da participação.

Você está sendo orientada(o) quanto ao teor de tudo aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do referido estudo, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, pela participação.

Esta entrevista não envolverá quaisquer riscos significativos a você, além da expressão da sua opinião. Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os participantes, focalizando o seu conteúdo geral e os resultados obtidos.

Durante todo o período da pesquisa você poderá tirar suas dúvidas através do e-mail: fernandachaves.souza@hotmail.com.



Nome/ Assinatura
(Entrevistado)



Pesquisador Responsável

Brasília, 13 de outubro de 2021.



Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE)

Este é um convite para você ser entrevistada(o) e participar voluntariamente do projeto de pesquisa *Extensão: Território Educativo de Possibilidades*, sob a responsabilidade de Fernanda Chaves de Souza, cujos objetivos são, abordar perspectivas sobre as vivências na Extensão Universitária no processo educativo.

A sua privacidade será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado, ou elemento que possa, de qualquer forma, identificá-lo, será mantido em sigilo.

Você poderá recusar a participar do estudo, ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar. Por desejar sair da pesquisa, não sofrerá qualquer prejuízo.

É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como após é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que queira saber antes, durante e depois da participação.

Você está sendo orientada(o) quanto ao teor de tudo aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do referido estudo, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, pela participação.

Esta entrevista não envolverá quaisquer riscos significativos a você, além da expressão da sua opinião. Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os participantes, focalizando o seu conteúdo geral e os resultados obtidos.

Durante todo o período da pesquisa você poderá tirar suas dúvidas através do e-mail: fernandachaves.souza@hotmail.com.

Leônia Martins G. Soares

Nome/ Assinatura

(Entrevistado)

Fernanda Chaves de Souza

Pesquisador Responsável

Brasília, 17 de outubro de 2021

**1. Como você compreende a função da extensão a partir da sua vivência nela ?
(Transcrição de áudio da pergunta realizada)**

J: eu acho que principalmente pensando na faculdade de educação, assim, a extensão foi um lugar que eu encontrei é... um lugar de esperança e também de prática real do que as professoras que eu tive contato na extensão poderia fazer, assim já no meu primeiro semestre eu não me identifiquei com algumas práticas de professoras e professores de matérias iniciais eu acho que tive expectativa muito grande sobre o que seria o curso de Pedagogia e como seriam essas formas de ensinar mais interseccionais, mais respeitosa menos escolarizadas, e na extensão eu consegui encontrar justamente essa prática que eu acreditava e que era compartilhada por outras professoras também tanto do PET, quanto do projeto Semillero, quanto do Autonomia também, que foi também uma aula propulsora pro meu próprio desenvolvimento e pro meu entendimento enquanto artista e que foi justamente um espaço que eu encontrei que poderia expressar essas coisas e que eu dentro de sala de aula não pude, assim, dentro das aulas teóricas de todo o currículo da pedagogia assim, eu consegui explorar outras coisas além dessa prática que realmente acreditava que seria frutífera e a mais potente possível em educação.

D: pra mim extensão foi o que fui fazer na UnB assim, mas eu nem sabia o que era extensão só que quando eu encontrei a extensão na Unb foi no meu terceiro semestre já, foi um pouquinho depois do João. Eu tava meio, meio, tipo assim, ao contrário do João a gente teve uma professora muito boa, né FE, a Thaisa que falou pra gente sobre educação alternativa, e a gente fez uma matéria muito boa sobre desenvolvimento humano, tive contato com a Claudia Sanz no segundo semestre né, que a gente fez aquela prática midiáticas com ela também foi muito boa só que é uma matéria ou outra. e quando eu descobri a extensão foi conhecendo a Fátima, aí eu falei: não, é isso! é que eu realmente vim aqui fazer aqui. Cheguei na extensão porque eu queria estudar também perspectivas diferentes das perspectivas clássicas eurocêntricas, né, cheguei no Semillero por conta da decolonialidade, por conta da relação com a América Latina e também por conta da relação com comunidade para além da UnB, né, então foi a prática que eu sempre sonhei em desenvolver, assim, encontrei com essa prática... com a práxis, né, na verdade que eu sempre sonhei em desenvolver, assim, um tanto no Autonomia também quanto no Semillero depois com nosso projeto de pesquisa e com nossos estágios, em fim, acho que até com o Azul Tutu que também entra como parte do Semillero como extensão das Semillas também. Então serviu muito, não só nessa parte do que eu queria fazer profissionalmente, do que eu queria fazer na UnB mas também no que eu queria como pessoa também nesse momento, acho que é... se não fosse a extensão não faria o curso, né, eu acho, teria desistido em algum momento e também foi na extensão que eu também consegui me encontrar como adulto, assim como pessoa, como essa perspectiva de crescimento pessoal também, não só acadêmico profissional mas também de pessoa.

[...]

J: é uma coisa que eu fiquei pensando, assim, que o Dani falou sobre esse desenvolvimento pessoal, assim, mais subjetivo. porque a gente vê é ... eu acho que todos os cursos, né, tem esse entendimento geral de que a extensão é um momento em que a Universidade sai é, né, pra fora do supostos muros e consegue entrar em contato com a comunidade e eu acho que no nosso caso, assim, acho que posso estender para todos nós, assim, as experiências de sala de aula foram tão é.. infrutíferas , assim, a gente encontrou justamente esse espaço de crescimento e amadurecimento profissional e pessoal dentro da extensão então mais do que esse contato é... da academia com a comunidade, né, porque existe essa imposição de que tá tudo separado sendo que não a gente viu que realmente tá tudo junto, assim, existe uma hierarquia alguns controles, assim, algumas relações de poder, mas tá tudo junto é mais do que isso foi um momento pra gente conseguir realmente se desenvolver, assim, é... como a gente é, enfim, com as nossas particularidades que deveria ser uma coisa feita não só na extensão, né, e muitas vezes não é feita nem na extensão, acho que foi assim essa conjunção, esse alinhamento de planetas, das professoras que a gente encontrou, com os projetos, com momento que a gente participou dos projetos, com nosso momento pessoal e aí fez com que tudo isso aí acontecesse também

D: Deveria, tipo assim, é um ... acho que durante a escola a gente viu um processo de anti-educação, né, o que deveria ser educação, né, na extensão foi onde a gente teve a oportunidade de si educar, de viver a educação.

[...]

L: bom, pra mim a função da extensão vai muito além do que nós aprendemos do tripé universitário, da função da extensão ser a retribuição da universidade pública para a comunidade, de ser esse terceiro braço, né, da universidade pública de agir em prol da comunidade externa, porque eu sinto que visão de Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro né, e de quem mais foi idealizador desse projeto da UNB não deveria nem existir né, comunidade interna e comunidade externa, então mais pra mim a extensão ela... ela vem com essa função de abrir as portas da universidade pra todo mundo né, democratizar, expandir a universidade. É óbvio que numericamente a gente não consegue abranger a todas as pessoas, mas sim, é um direito, é um dever do estado abranger todas as pessoas, então por exemplo, no Semillero, nosso projeto de extensão nosso plano é realizar uma universidade das crianças dentro da Universidade de Brasília, então isso é uma maneira que a extensão tem de contribuir com comunidade externa para que ela não seja mais externa, para que as crianças tenham espaço dentro da sociedade que é adultizada né, de uma universidade de educação que deveria ter portas abertas para todas as crianças e mães, apoiando né. A gente ainda tá caminhando

a passos muitos lentos, então eu sinto que a função da universidade pra mim é, principalmente nesse sentido de expandir e democratizar, mas também, na minha experiência, na minha vivência foi a minha principal sala de aula, minha principal prática, meu principal estágio. Se eu não tivesse feito extensão desde que eu entrei na universidade talvez eu nem seria a educadora que sou, porque eu me apaixonei por educação, pela pedagogia estando em outro curso e fazendo extensão em projeto chamado: Política na Escola, que a gente visitava escolas para falar sobre política com as crianças e foi aí que eu me vi a primeira vez educadora, foi quando eu comecei a ler Paulo Freire em 2013. Então isso é muito emocionante pra mim perceber que essa universidade integrada, interligada com a função da extensão se torna ainda mais unida, assim, porque existe esse intercâmbio entre projetos, entre ideias, entre... áreas. Então sim, pra mim a universidade, a extensão tem um papel essencial na formação docente, principalmente na área de educação que é da onde eu vim e na minha experiência. É isso, democratizar a universidade, estar a serviço da comunidades né, do Brasil, enfim, de Brasília, do Distrito Federal, expandir cada vez mais, abrir mais as portas e... transformar... transformar porque a ciência não serve pra nada se a gente não tiver aberta, se universidade não se abrir, é isso.

2. Como você relaciona a extensão com seus processos educativos? (Transcrição de áudio da pergunta realizada)

J: É eu acho que a gente respondeu um pouco, né, assim, foi como o Dani disse, é, foi primordial assim, eu acabei entrando pra um segundo curso e... me identificando muito mais com esse segundo curso e esse despertar, esse entendimento que eu queria fazer outro curso, outra coisa além da pedagogia, mas também caminhando também junto com a pedagogia foi muito por conta da extensão, assim eu acho que é o que me segura no curso até hoje foram essas experiências do passado que eu tive no início do curso, no meio do curso, é com os projetos de extensão e... que realmente foram tão transformadoras e tão significativas no meu percurso educativo que me segura no curso até hoje, assim... eu acho que hoje eu só tô formando em pedagogia agora né, no semestre seguinte por conta da extensão, realmente assim.

D: Totalmente relacionado, né, é...é eu acho que dei essa resposta, acho que extensão a partir do momento que ela entrou no meu processo formativo, né, acadêmico ela nunca mais saiu e acho que a partir do momento que eu encontrei, me encontrei com a extensão, eu também, eu comecei realmente esse processo educativo para além da academia também, né. Realmente pude, né, me educar e ser educado e educar também, né, as outras pessoas, crianças, adultos e idosos é...partir, né, da extensão e do que a gente viveu na extensão que foi onde eu vi acontecer, realmente a teoria onde realmente escrevi novas teorias onde eu descobri novas teorias também, foi a partir da extensão a partir da vivência prática da extensão também, então...acho que é isso não sei o que mais colocar e tanta coisa mas ao mesmo tempo é ..

[...]

J: É, eu acho que só quem viveu sabe, assim acho que a extensão só tipo vivenciando assim realmente estando em um projeto que faça sentido pra você e entrando em contato com alguma comunidade, assim, um recorte que tenha, converse muito com você, assim, que tenha uma comunicação muito direta com o que voce acredita na area que vc esta trabalhando pra realmente entender a potência, assim, do que, de como é transformador e... e de como é...isso pode ser, assim, como deveria ser o principal braço da universidade, assim né, a gente sempre comenta muito isso, assim, do quanto a extensão e desvalorizada e dentro desse tripé que sustenta a Universidade, assim, que é sempre o mais capenga sempre é da onde tão tentando tirar mais coisa, acho justamente que por ser tão relevante, assim, por isso não ser o interesse de muita gente, né.

[...]

D: E também é muito tipo a extensão também foi realmente onde fiz amigos também, eu penso muito sobre isso foi onde eu achei um grupo da unb, assim, uma galera que realmente tivesse a ver comigo e que realmente quisesse estar junto que realmente quisesse estudar junto que realmente quisesse trabalhar junto né e a gente passou alguns semestres juntos 24 horas por dia, praticamente. De segunda a sexta (?) escola e...enfim acho que tem muito desse papel importante, assim, acho que também da relação que a gente desenvolveu com as professoras, né, que eu acho é algo muito raro de acontecer em própria pesquisa a gente sabe que não acontece, as vezes a relação de hierarquia predomina muito numa pesquisa até, sobre o tema a ser pesquisado, a forma que tem que ser feita a pesquisa, e no ensino a gente nem precisa comentar, né, é a regra do ensino é essa hierarquia, acho que o que a gente viu na extensão, que a gente viu por exemplo na viagem com a Fátima, né, tipo o que eu vivi, e o que a gente viveu em toda viagem do curso também né, desses anos é...muito esse local de acolhimento, né, dos estudantes e é realmente esse local de fortalecimento de vínculos, assim né, na Universidade pra mim...

J:Realmente D, eu ...eu, assim, sei do quanto a gente é próximo e tudo mais mas eu nunca tinha parado pra pensar que foi realmente, assim, e culpa da extensão, assim né, hehe a gente ter ficado tão próximo, assim, de todas as atividades que a gente fazia da diversidade de coisa, tipo desde de organizar evento até planejar atividade semanal com as crianças até tipo sair pra lanchar depois do dia de aula, assim né, do dia que agente passava fazendo atividade, com caldo de cana, exatamente, e todas essas coisas assim que fora do..., a gente só consegue fazer realmente fora, só conseguia fazer fora da FE, né, assim, na EAPE por exemplo, quando a gente foi fazer, sei lá, a CONANE, na CAP quando a gente tava com as crianças, no Paranoá, quando a gente saia para, enfim, qualquer outra coisa,.

[...]

D: Quando a gente viajou, a gente foi pra Chapada.eu nem lembrava dessa viagem, a gente foi pra chapada, tipo assim, tipo a gente praticamente organizou um evento, né, de educadores na chapada ou participou da organização, enfim, as CONANES, né também,as e...a conaninã, né também,

J: Sim. Hurum. Sim. É e os eventos internacionais, né, tipo o ENA, qua gente tipo entrou em contato com umas pessoas muito é... relevantes tipo, eu entrei em contato com gente que eu tinha estudado sobre num semestre anterior e aí eu tava num outro semestre tipo conversando com eles e tipo pegando eles de carro pra levar até o evento, assim, então são realmente coisas que só, só foram possibilitadas pela extensão fora o nosso intercâmbio também, né, que foi o tanto de coisa que a gente visitou diferente lá o tanto de outras práticas que a gente, viu as histórias é...conhecer professores lá também tudo isso assim e minha experiência no PET também foi muito é... muito importante pra mim eu acho que foi o início da... do meu estágio acho que a gente fazia pratica na Casa de Ismael e aí depois no Semillero a gente fez na CAP, né,mas na Casa de Ismael a gente levava, entrava em contato com é umas situações de realmente extrema vulnerabilidade social assim, crianças que tinham sido abandonadas pelos pais ou enfim , várias outras questões juntas e... que lidavam com crianças que estavam na Casa de Ismael so, sei lá , fazendo o contra turno então esse realmente essa é vivência de múltiplas realidades, assim, e que no final das contas a gente tava tentando ajudar elas aprender a ler,assim sabe então, e todas tinham que ter acesso a isso porque a gente sabe o quanto isso também é importante e transformador, acho que essa é a grande chave do curso de pedagogia também né, então todas essas experiências assim juntas foram bem marcantes também no meu processo educativo.

[...]

L: A extensão pra mim, foi minha primeira sala de aula, foi onde eu tive meu primeiro contato com a escola, me senti educadora. Eu fiz estágio também, estágio obrigatório da pedagogia, mas eu sinto que eu faço estágio desde 2013 e eu só entrei na pedagogia em 2017, então eu sempre estive em sala de aula, sempre estive em formação por fazer parte do 'Política na escola' né, de 2013 até... 2015 se eu não me engano, ou até 2014, eu fiquei dois ou três anos depois em 2017 eu entrei no Semillero e no projeto Autonomia, eu sempre estive em contato com crianças, vivendo a formação docente através Fórum Autonomia, cara, a gente participou da construção da CAP, através da extensão então assim, não existe curso, não existe diploma que ensine uma educadora que nos possibilite é, viver um processo tão complexo, que foi o que a gente viveu durante a extensão é... participando do Fórum Autonomia vendo e participando do

processo de criação da primeira comunidade de aprendizagem do Distrito Federal né, a CAP. Então pra mim tem tudo a ver né, a extensão É o próprio processo educativo em si, é onde a gente experimenta, a gente faz, a gente age, a gente transforma, a gente está sempre fazendo e se refazendo nesse processo assim, de que se a gente ficar só no ensino, ficar só na pesquisa, a gente fica muito no campo teórico e não age e a gente fica esperando um diploma e aí quando você chega na sala de aula você não sabe fazer nada, porque você só fez um estágio obrigatório que você não queria, não cria vínculo com a sala de aula e com as crianças, então acho que é isso.